

Mekie? É d+ pa mim qd as xs tcl cm o ppl!

**Para o estudo das interações electrónicas síncronas:
uma tensão entre omnipresença e abandono**

Isabel Roboredo Seara
Universidade Aberta

1. Interação electrónica síncrona

Propomo-nos, neste trabalho, analisar as práticas discursivas que configuram um género discursivo que designamos por **interacção electrónica síncrona**. Ao considerar que são as interações síncronas as que provocam as inovações linguísticas mais radicais, Crystal lança um repto à comunidade linguística, incitando à investigação destas crescentes, colaborativas e expressivas formas de interacção (2001: 130).

A interacção electrónica síncrona, vulgo *chat*, permite, através de um conjunto de procedimentos técnicos, uma interacção síncrona com um ou vários interlocutores. Trata-se de uma forma de comunicação colectiva, no seu princípio, mas essencialmente interpessoal no seu funcionamento efectivo e real, coexistindo conversações simultâneas.

Com base no modelo teórico interaccionista, debateremos nesta comunicação, a adaptação do modelo teórico de Goffman, concebido para situações de face-a-face, às interações mediadas por computador. Segundo Goffman, "toutes les rencontres appartiennent à une classe naturelle unique désignée 'interaction sociale'" (1974: 89), entendida esta como surgindo apenas em situações sociais, em enquadramentos em que existe co-presença física. Neste sentido, a interacção electrónica síncrona, caracterizada pela co-presença situacional dos participantes recorre aos mecanismos usados habitualmente na conversação face-a-face.

Ab initio, gostaríamos de precisar dois aspectos: um de ordem terminológica e outro de ordem metodológica.

Relativamente ao primeiro, cumpre-nos emitir um juízo de valor: em português europeu, de modo negligente e lastimável, persiste-se na adopção passiva e repetida de vocábulos ingleses, sem que se vislumbre uma reflexão de cariz linguístico em prol da defesa deste nosso último reduto patriótico. Assim, o termo *chat* entrou no léxico pela secular lei do menor esforço, justificada pela sua simplicidade, por ser monossilábico e por estar em perfeita sintonia com o contexto situacional a que se refere, que é imediato,

¹ Descodificação: "Como é que é? É demais para mim quando às vezes teclo com o pessoal" – este título é inspirado e decalcado das mensagens de minhas filhas, a quem muito agradeço a ajuda e os ensinamentos neste domínio.

ou como afirma Suler “a staccato style of speaking” (1997: 3). Acresce o facto de a designação *chat* englobar duas dimensões distintas (Mattió, 2001: 36): por um lado, designa a interacção electrónica, escrita e síncrona, a que alguns autores chamam de ciberconversaço e, por outro lado, refere-se ao espaço virtual onde se exerce essa actividade. No âmbito deste trabalho, apesar de não nos parecer importante a distinção destas duas dimensões – actividade e dispositivo – referir-nos-emos à actividade, à interacção electrónica síncrona, propriamente dita.

O outro aspecto que gostaríamos de explicitar é de natureza metodológica. Obedecendo ao objectivo de reunir a “collection of linguistic data (...) which is seen to representative of certain type of texte, interaction or discourse (Yates, 2001: 103), o *corpus* foi constituído a partir de dados empíricos gravados aleatoriamente de sessões de conversa entre Janeiro e Setembro de 2006, desenroladas entre jovens portugueses com um média de idade de 15 anos, no MSN. O critério de recolha de dados foi exclusivamente qualitativo, dado tratar-se de um trabalho exploratório. Como tal, esta primeira recolha pretende vir a estabelecer, de futuro, uma metodologia que respeite integralmente as especificidades do suporte electrónico utilizado. Cumpre-nos, ainda, esclarecer que respeitámos e tomámos como válidas todas as informações fornecidas pelos interlocutores, não tendo interferido ou exercido alguma análise crítica sobre o material linguístico que nos foi disponibilizado, pese embora existirem contradições em algumas sequências.

“L’obligation de s’engager se définit en fonction de tout le contexte dans lequel se trouve l’individu (Goffman 1974:114-115). Ora, a interacção electrónica síncrona comunga do mesmo princípio definido por Bourdieu para a linguagem. Para Bourdieu, a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades generativas são ilimitadas (1993: 20).

O *chat* permite, através de um conjunto de procedimentos técnicos, uma interacção síncrona com um ou vários interlocutores.

Ora, a demora, o silêncio, a ruptura, a desconexão temporária, curta ou prolongada, voluntária ou acidental, o abandono, constituem-se, a *contrario*, como mecanismos perturbadores da comunicação, sendo frequentemente tematizados nas sequências de abertura, de pré-fecho e de fecho das interacções. Considerados formas de ofensa fortuita, estes momentos de não participação ou de não reciprocidade são legitimados através de justificações de acções imprevisíveis e imperiosas ou de descrições de estados de alma. O quadro de participação (Goffman 1981:9) é contínua e perpetuamente construído, afirmado e visualizado no ecrã, o que pode justificar a futilidade e a ausência de conteúdo das mensagens, em comparação com o de outros dispositivos electrónicos.

2. Características estruturantes da interacção electrónica síncrona

2.1. Exigência da continuidade no fluxo de mensagens

Esta pressão constante do “directo”, esta confirmação permanente do estado de conexão dos participantes, não autoriza pausas e silêncios e, quando estes ocorrem

introduzem imediatamente motivo de perturbação na comunicação, reclamando-se constantemente a presença do interlocutor neste espaço de comunicação virtual.

Esta é manifestamente uma das características estruturantes da interacção electrónica síncrona: a necessidade de um fluxo comunicativo contínuo.

Outro dos elementos configuradores desta tipologia e que decorre do primeiro é o imperativo constante de colocar questões e responder às solicitações.

(1)

A: *tas ai???*

B: *cheguei*

A: *td fixe?*

B: *na boa e tu?*

A: *td bem. Keres ir à ** tomorrow*

B: *onde? C kem? Gramava d'ir.*

Um dos problemas sistemáticos da desorganização do sistema relaciona-se com os períodos de inactividade que decorre da necessidade crescente da “persistent conversation” (Erickson & Herring 2001: 4031). Esta conduz à sobrevalorização da ausência, sendo a actividade avaliada e medida pela velocidade com que as contribuições surgem no ecrã.

Nestas situações surgem saudações repetidas para vários interlocutores que se encontram *online* e na frustração da ausência de resposta imediata à interacção, alongam-se numa espécie de monólogo.

(2)

A: *ola X*

B: *oiiii*

B: *dxc so rpx agr*

B: *n tava aki*

A: *pois eu percebi*

A: *mas e na boa*

A: *td?*

B: *ya +/-*

B: *e ctg?*

A: *+/-? cmo assim?*

B: *já sabes td na mm*

2.2. Hibridismo da interacção

A actividade expressiva na interacção electrónica síncrona constitui-se como uma necessidade configuracional. Exige-se também uma prontidão nas trocas discursivas,

aceitando-se como uso mais frequente uma linha por “turno de escrita”². A rapidez de resposta que alicerça o sentimento de “tempo partilhado” é uma qualidade apreciada e valorizada que condiciona a competência comunicativa neste tipo de interacção.

Enquanto que na interacção face-a-face há uma co-presença física que se traduz num conhecimento comum dos acontecimentos, sendo o objectivo legitimado no decurso da conversa, na interacção electrónica síncrona, a co-presença é mediatizada e é realizada unicamente através da escrita. Neste tipo de interacção, todo e qualquer silêncio deve ser preenchido ou justificado, pois como afirma Goody: “Une fois que les individus se sont mutuellement offerts le statut de participant accrédité et se sont plongés dans la situation, il devient nécessaire de maintenir un flot continu de messages, jusqu’à ce que se présente une occasion inoffensive de clôture de l’échange” (1994: 105).

O conhecimento prévio não é uma condição necessária para a interacção e, pelo contrário, uma das razões invocadas para o estabelecimento e expansão destas trocas electrónicas é a possibilidade de contacto com pessoas desconhecidas e, sobretudo, espacialmente distantes. Ora, não partilhando o mesmo quadro espaço-temporal e não possuindo laços de familiaridade pré-construídos, a interacção constrói-se espontaneamente a partir do que Goffman designou por *small talks*: “ce sont des sujets de conversation qui peuvent légitimement être proposées par des personnes de status très différents sans porter préjudice à la distance sociale qui les sépare et en mettant tout le monde d’accord”(1998: 105).

(3)

A: *ta-se bem?*

B: *oi*

A: *td bem*

B: *onde tas?*

A: *tou aki*

B: *tas a estudar?*

A: *as x ... @*

B: *lol*

A: *dsc la tas a tangar*

B: *sério, toume a esforçar. Tou a ver a matéria d*

A: *de q?*

B: *métodos*

A comunicação no *chat* apresenta-se sob uma forma híbrida: combina, por um lado a escrita, dado que o outro está acessível unicamente através do suporte escrito e, por outro, o tempo real da oralidade (como na relação face-a-face ou na conversa telefónica). Os interlocutores encontram-se em co-presença, através dos pseudónimos e das curtas mensagens explicativas, num quadro comum que é o ecrã do computador. O

² Esta noção de “turno de escrita” é retomada da noção de “turno de fala”, proposta por Kerbrat-Orecchioni (1998: 31).

espaço partilhado reduz-se assim à escrita e, através de um conjunto de elementos gráficos, são introduzidos os contextos que permitem estruturar a relação e construir o espaço de comunicação.

Neste ambiente, será interessante realçar que deixam de existir constrangimentos físicos, geográficos a influenciar o comportamento dos interlocutores e, contrariamente, constroem-se como “prótese da interacção”, o que significa que o espaço físico é tematizado, através de “procedimentos de configuração da conversação electrónica”.

Segundo Velkovska, as características da situação de comunicação têm implicações na forma e estruturas das mensagens: o tempo real em que ocorre a interacção confere a espontaneidade típica da oralidade que provoca um curto-circuito nos modelos convencionais da escrita (2002: 17). Enquanto Philippe Hert (1999: 10) introduz a expressão de “quasi-oralité de l’écriture”, por seu turno, Jacques Anis, preconiza a designação de “*parlécrit*” para designar esta forma de escrita que se processa no *chat*.

Outros aspectos conferem especificidades à interacção electrónica síncrona: por um lado, a tensão entre a forte implicação na troca que decorre do seu carácter síncrono e a possibilidade fácil e recorrente de não participar, que decorre, por sua vez, da ausência de co-presença física.

Relativamente à tensão entre distância e proximidade, este tipo de conversa síncrona opera uma aproximação de pessoas separadas espacialmente, construindo, através de um processo de deslocalização, “a “extracção” das relações sociais dos contextos locais de interacção e reestruturando-as em campos espaço-temporais indefinidos” (Giddeens 1994:30). Esta transformação do espaço longínquo em muito próximo traduz-se em sentimentos de anormalidade, de abstracção e inclusivamente de superficialidade.

Esta situação de comunicação peculiar da interacção electrónica síncrona caracteriza-se por uma enorme fragilidade que decorre da ausência de contexto físico comum e da não explicitação dos mecanismos habituais que regem a co-presença.

3. O quadro comunicativo nos *chats*

Ao olhar para o interface desta comunicação conclui-se que os únicos traços da presença de outros na interacção são dados pelos pseudónimos que aparecem no ecrã, sendo, por isso, marcado por um elevado grau de incerteza, pois para além de cada um dos participantes poder escolher o seu estatuto (presente, ausente, ocupado ou inclusivamente definir, em mensagem personalizada, o seu estado actual³) é tecnicamente possível estabelecer em simultâneo outras interacções, em “salas” de chat diferentes. Pode, pois, afirmar-se que esta forma de presença na interacção electrónica síncrona é fragmentária e instável.

³ Julia Velkovska designa estes recursos por *codes*, o que corresponde à tradução inglesa de «tags» ou seja, são expressões que se adicionam automaticamente ao lado direito dos pseudónimos e que completam a informação, através de um recurso humorístico, da expressão de um estado de espírito, de uma pergunta de carácter geral, citações ou máximas, etc. (2002: 27).

3.1. Sequências de abertura, de pré-fecho e de fecho

As saudações iniciais na interacção electrónica síncrona apresentam algumas especificidades. Quando a frequência na interacção electrónica é elevada e os correspondentes mantêm entre si uma relação de proximidade, a saudação inicial e, mesmo o vocativo, tendem a desaparecer. Pelo contrário, há interacções electrónicas em que a saudação inicial é obrigatória: é o caso das mensagens trocadas entre interlocutores desconhecidos. Crystal constata igualmente que “cuanto más tiempo se demore la respuesta, más probable es que esta contenga un saludo, aunque sea una disculpa por el tiempo de espera”(2002: 120).

A abertura das interacções electrónicas síncronas patenteia, pois, uma extrema heterogeneidade que vai desde a saudação trivial mais comum, que se traduz numa expressão apelativa conjuntiva, até ao registo, em situações de intensa proximidade temporal, da ausência de expressão apelativa. As sequências de abertura dos diálogos são momentos privilegiados da interacção, pois atestam a co-presença dos interlocutores. A saudação conjuntiva habitual é frequentemente acompanhada de pedidos de desculpa e as consequentes justificações, pelo atraso no início da interacção.

(4)

A: *cheguei:p!*
 B: *ola*
 A: *ola*
 A: *dsc la..*
 A... *tou em casa da minha tia*
 B: *pois... achei estranho ser td tao rapido*
 A: *dsc *, pds so dizer ao meu primo tomas, q ta aqui, s es ou n minha amiga*
 A: *lol*
 A: *dsc la:s*
 B: *sou eu!*
 A: *obrg! (:s)*
 A: *va... adeusinho tomas*
 B: *bjs!*
 A: *dsc la o meu primo tomas n m larga*
 A: *dsc isto td*
 A: *serio*

(5)

A: *ola/oi*
 A: *td bem?*
 B: *ola!*
 B: *td e ctg?*
 A: *td*
 A: *So agora??*
 B: *dsc... aki td dficil*
 A: *gostast da festa?*
 B: *ya foi fixe*
 B: *dp fost sair?*
 A: *hum hum nepia*
 A: *e tu?*
 B: *n, n deu*

Adoptamos a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni sobre interacção epistolar (1998: 23) e de Traverso sobre a conversação familiar (1996: 79) e designámos igualmente de rotinas de pré-fecho as que precedem obviamente o fecho da missiva, fazendo-se esse procedimento de suspensão através de um marcador (“*Bem, vou sair...*”) ou através de

uma justificação súbita, não abordada anteriormente. O anúncio de fecho de missiva vem frequentemente acompanhado de um acto de justificação, como se fosse necessário explicar a "culpa" do interlocutor de pôr fim à interacção. Todas as circunstâncias que constituem a transição entre o corpo da interacção e as rotinas de fecho parecem querer atenuar o efeito disfórico da separação e esses detalhes verídicos tentam mascarar o artifício de um fim inelutável⁴.

Constituindo um acto prévio, em que se anuncia o termo da conversa, este é realizado através de um enunciado performativo que dá conta dessa interrupção, dessa necessidade de finalizar, sendo, por vezes, modalizado.

- (6)
 A: *vou andando entao, ok?*
 A: *(estive a despedir m do pessoal)*
 B: *ok ok*
 A: *va... boa noite*
 B: *bjs**
 B: *cuida d ti*

A invocação clássica advém da necessidade de fazer algo imprevisto. As alegadas justificações, que se prendem com mudanças súbitas de estado, são muito frequentes nas rotinas de pré-fecho.

- | | |
|---|--|
| <p>(7)
 A: <i>bem...dsc amanha vou ter d
 m levantar cedissimo</i>
 B: <i>ok... entao e melhor ires</i>
 A: <i>obrg pela conversa</i>
 A: <i>gd*</i>
 B: <i>bjs*</i>
 B: <i>eu tb</i></p> | <p>(8)
 A: <i>olha ... o X tem d vir p aqi...
 tnho q ir:s</i>
 A: <i>mt obrg por teres vindo:D</i>
 B: <i>eu tnho q ir tb</i>
 A: <i>amt mt</i>
 B: <i>dscansa e trata d ti, sim?</i>
 A: <i>boa noite!</i>
 A: <i>bjs*</i></p> |
|---|--|

- (9)
 A: *dsc n falar mt*
 A: *tenho mm d bazar*
 B: *na boa, qd pudeses já sabes:)*
 A: *xauzito então*

⁴ Cf. Dauphin et alii afirmam: "Toutes les circonstances qui forment transition entre le corps de la lettre et la formule finale semblent vouloir atténuer l'effet de la séparation. Parmi les raisons plausibles - le temps qui passe, la fatigue, le devoir, le départ du courrier -, qui sont données comme une fatalité, comme si la volonté n'intervenait pas, l'épistolier choisit néanmoins celle qui paraît la plus recevable pour l'interlocuteur. celle qui parle de lui, de son cadre de vie, de ses activités, le détail véridique qui masque l'artifice de toute fin inéluctable." (1995: 112).

Nas sequências de fecho, os encerramentos expressam-se através de actos de saudação disjuntiva. As estruturas de fecho são simples, rápidas e reduzem-se apenas à confirmação do elo relacional entre os interlocutores, limitando-se a expressões elípticas. Apesar da sua ocorrência não ser significativa no *corpus* em análise, surgem acoplados às rotinas de fecho votos prospectivos que consistem em desejar, por um lado, algo positivo e benéfico para o interlocutor e, por outro, expressar o desejo de novo e urgente encontro.

- | | |
|--|---|
| <p>(10)</p> <p>A: <i>xau fica bene</i>
 B: <i>tu tb</i>
 A: <i>Voltas hj?</i>
 A: <i>kria munto</i>
 B: <i>n sei</i>
 A: <i>tenta insiste força</i>
 B: <i>n sei s consigo</i>
 A: <i>ok ca t espero</i></p> | <p>(11)</p> <p>A: <i>bjs</i>
 B: <i>****</i>
 A: <i>fica bem *** toma conta de ti</i>
 B: <i>tu tb: lol</i></p> |
|--|---|

3.2. Necessidade inaugural de apresentação recíproca

O suporte que subjaz a este tipo de interacção síncrona autoriza a conversação, em tempo real e a distância, entre desconhecidos. Através deste *medium*, aquele outro infinitamente longínquo torna-se presente, permitindo-se construir relações vivenciadas num presente, através do ecrã. Neste sentido, outro elemento constitutivo desta interacção consiste na necessidade inaugural de apresentação recíproca, conforme o modelo prototípico que se reporta a questões extremamente banais que têm por fim colmatar as insuficiências explícitas do quadro comunicativo: localização geográfica, idade, ocupação, preferências musicais, aparência física, etc.

Estes pressupostos de contextualização e de conhecimento mútuo visam remediar a ausência física do outro.

- (12)
- A: *kem ex?*
 B: *oi*
 B: *sou o tiago*
 B: *adicionei pq t vi no hi5*
 B: *es mt nita*
 B: *gostava d t conhecer babe/dama*
 B: *entao ? ta td bem ctg?*
 A: *ya ta td bem*
 A: *em k escola e k andas?*
 B: *na x*
 A: *em q ano?*
 B: *11º*

3.3. Fragmentação textual

Outras das características deste tipo de interação é a justaposição de várias conversas com múltiplos interlocutores no mesmo ecrã, o que pode colocar problemas de interpretação, contribuindo para um elevado grau de fragmentação textual.

Há também dois traços específicos do quadro espaço-temporal dos *chats* que determinam fortemente as relações que aí se constroem: por um lado, existe uma tensão entre a implicação na interação (decorrente da simultaneidade temporal) e a possibilidade de rapidamente se ausentar ou desconectar (decorrente da negação da co-presença física); por outro, existe, constantemente, uma tensão entre distância e proximidade.

Efectivamente, como já afirmámos, este *medium* autoriza a conversa entre desconhecidos, em tempo real e a distância, permitindo uma desarticulação de espaços e a sua rearticulação através da participação em interações múltiplas (o espaço de presença física através do ecrã, o espaço público do *chat*, os canais privados de interação).

Um dos condicionalismos do suporte da interação virtual é a acumulação de mensagens no ecrã que, sobretudo quando existe um número elevado de utilizadores conectados nesse canal, desaparecem rapidamente na parte superior do mesmo, sem que dê tempo para as ler (trata-se do *scroll factor*). Este avanço rápido do texto no ecrã determina a brevidade das mensagens⁵. Outro factor que concorre para o carácter sintético dos enunciados é a possibilidade de ter abertas, em simultâneo, várias janelas, mantendo diferentes níveis de conversação, com vários interlocutores. A brevidade das mensagens outorga ao *chat* uma evidente sensação de oralidade e de interactividade (Cf. Yus 2001).

4. Mecanismos discursivos

Que mecanismos discursivos configuram, então, esta construção do *eu* e do *outro*?

4.1. Escolha criativa de pseudónimos

O participante é visível no espaço da interação através do seu **pseudónimo** e das mensagens. Alguns programas mais recentes permitem acrescentar outro tipo de informações adicionais, como os *tags* (a expressão de explicitação do estado) e o perfil (a fotografia e outros elementos de identificação que surgem ao clicar neste item).

Como afirma Velkovska, trata-se de uma “interação desincarnada” (2002: 27), em que a identificação dos interlocutores é indissociável do pseudónimo que tem como principal função suprir o défice de informação, sobretudo se se trata de desconhecidos.

⁵ Os estudos da linguagem dos *chats*, exclusivamente em língua portuguesa, começam a surgir. Com base em *corpora* recolhidos no *chat Portugalnet*, Ioviana Benedito recensou e organizou, por ordem alfabética, fragmentos textuais de intervenções recolhidas ao longo de dois anos, que coligiu, prefaciou e publicou em Novembro de 2002, sob o título: *Que Língu@ Português@ no Ch@t da Internet*. Cf. Referências.

O mesmo reitera Crystal quando afirma: "The choice of a nick is a ritual act, demanded by culture to which the individual aspires to belong and – as with all naming practices – a matter of great complexity and sensitivity . (...) The nick is their electronic identity: it says something about who they are, and acts as an invitation to others to talk them". (2001: 159-160)

O pseudónimo anuncia, assim, a presença física do outro, do outro lado do ecrã e, concomitantemente, a sua condição de potencial interlocutor, como salienta Bays: "D'abord le premier signe de rattachement à une origine physique est le pseudonyme ou nickname. Il est la marque «physique» de la personne et indique la co-présence physique par son apparition dans les fenêtres sur l'écran, puisque ce signe s'affiche sur l'écran dans la liste des connectés, même si le participant n'intervient pas dans une conversation"(2000: 171).

No mesmo sentido, se pronuncia Pedras ao afirmar que "é extremamente notória a procura de expressividade através da escolha do pseudónimo. Os pseudónimos revelam uma criatividade muito grande por parte dos seus utilizadores, tendo em vista chamar a atenção sobre si. Provocatórios, imaginativos, actuais, ofensivos, estranhos ou, apenas, vulgares, os pseudónimos indicam tudo menos neutralidade" (2002: 114).

No caso do MSN, os *nicks* têm várias características e funções, veiculando um número variável de informações acerca da própria personalidade:

- podem expressar apenas o nome (no grupo), o diminutivo, o apelido, a alcunha, ou seja, no início há uma identificação antroponímia e aparecem frequentemente com dígrafos a embelezar. Exemplos: *KINTELA*; *_cissita_*; *andre...*; *!palmeirinha!*;
- dão informações adicionais que antecipam alguns turnos na interacção: *_martim_! alto peircing! Rock in rio rulessss!*
- revelam atitudes de vaidade e presunção: *Grand noite, grands companhias! GARAGE! Adrt kiko!*; *Rock in rio! EU FUI!*; *Eu tnho l amada mas vcs n a conhecem. É uma pena!*;
- anexam-se frequentemente máximas, frases feitas ou excertos de letras de música que podem marcar o gosto pessoal do interlocutor ou veicular uma identificação de estado de espírito: Exemplos:

S'algueu disser q nunca fizest nd d imp esquece pq o imp ja foi feito: TU!
Acreditas no amor à primeira vista ou tnho d passar outra vx?
S a vida t passar à frente aproveita e da lhe l apalpão.
O amor começa com l sorriso, cresce em l beijo e acaba com l lágrima!
It's always better when we're together. (Jack Johnson)
eu acho que a minha barrada espaço esta estragada.

O pseudónimo ou *nickname* é, por isso, um elemento importante da interacção. A escolha de um pseudónimo inusitado pode inclusivamente accionar o tópico ou o tema dos primeiros turnos de escrita.

4.2. Estratégias de economia discursiva

A nível da superfície discursiva atente-se em algumas especificidades deste tipo de interação:

4.2.1. (Des)respeito das regras ortográficas e tipográficas comuns

O relaxamento ortográfico e tipográfico que se observa neste tipo de comunicação é facilmente explicável: em primeiro lugar pelo carácter rápido que se impõe à escrita, a postura de relaxe de uma conversa informal que diminui a capacidade e a vontade de cuidar, controlar e emendar o texto e, sobretudo a impossibilidade de corrigir o texto depois de editado. Outro factor que se nos afigura importante, apesar de não ser habitualmente invocado, é a maior tolerância dos participantes jovens relativamente a este tipo de questões ortográficas ou tipográficas.

4.2.2. Pontuação expressiva

A pontuação expressiva exprime-se através de combinações gráficas repetidas, que encerram um valor expressivo, emotivo e afectivo que se traduz na multiplicação desses sinais. A duplicação do ponto de exclamação é um procedimento muito utilizado na Comunicação Medida por Computador, como demonstram os trabalhos de Anis (1999) e Luzatti (1991). “O ponto de interrogação, tal como o ponto de exclamação, podem ser usados como recurso único para pedir mais informações, exprimir perplexidade, surpresa ou toda uma panóplia de estados de espírito”(Alves 2004: 84). Atente-se nos seguintes exemplos:

(13)
*LINDUUU!!!!!!!!!!!! Anei completa/
Voltas inda hoje????????????
????????? E aquele encontro com ***??? Tudo ok????*

Estas interações patenteiam igualmente um relaxamento ou mesmo um abandono dos sinais de pontuação, que se pode explicar pela brevidade dos turnos de escrita.

Reiteradamente verifica-se uma tendência para a produção de enunciados curtos, de segmentos fráscos elípticos, próximos das construções coloquiais, numa tentativa de conferir à interação uma velocidade que a aproxime do dinamismo da conversação Presencial (Alves, 2004: 79)

O uso repetido de sinais de pontuação, a marcação de palavras ou de fragmentos de texto, através do uso de asteriscos e da digitação de maiúsculas, sugerem que entre os interlocutores se tornou já convencional interpretar o uso destes recursos como sinónimo da ocorrência de alterações entoacionais e prosódicas. Como demonstram os trabalhos de Lundstrom (1995) e de Jonnson (1997), a inclusão de traços fonéticos e prosódicos no texto da comunicação electrónica síncrona cumpre duas necessidades do

processo comunicativo: primeiramente, trata-se de um mecanismo de economia de escrita, com a decorrente aceleração do processo de produção e de descodificação das mensagens. Simultaneamente, trata-se de um dispositivo de contextualização afectiva dos enunciados, simulando-se, à base de opções sintácticas e semânticas, os padrões entoacionais dos diálogos orais.

4.2.3. Criação de neografias e neologias

Sendo o léxico indispensável à renovação linguística e social, é incontornável, hoje em dia, o estatuto do inglês como língua da tecnologia e língua franca. As novas formas de comunicação electrónica escrita caracterizam-se por uma forte presença de anglicismos, muitos oriundos precisamente do campo semântico das técnicas de informação e comunicação (*mail, chat, blog, copy/paste, etc.*).

Esta utilização de anglicismos está a tornar-se muito frequente e decorre do carácter menos formal e mais lúdico do meio electrónico, da desinibição e da liberdade que este proporciona. Estes empréstimos linguísticos indiciam também um certo grau de familiaridade, intimidade, amizade e conhecimento e são, por isso, justamente bem aceites neste tipo de interacção.

(14)

Bom week end!

Hi /Hello /Thanks /Please/ Kisses/ Bye-Bye/Good night/ OK/A nice week end

Constata-se, igualmente, uma atitude geral de concisão, que determina as escolhas linguísticas dos participantes, pois, como afirma Crystal: "People are under pressure to keep their messages short, over and above the natural tendency to save time and effort while sending"(2001: 156).

(15)

A: Tá combinado! Tá bem!

B: Dps falamos! Obg por tudo!

A: Envio-te a cena, espera 1 bocadinho.

B: Inté!

Nestes exemplos rapidamente constatamos a presença de neografias.

Adoptamos esta designação, proposta por Jacques Anis, que considera *neografia* toda a "grafia que, sem juízos de valor nem positivos nem negativos, deliberadamente se afasta da norma ortográfica"(1999: 86)⁶. Contrariamente aos neologismos (criados maioritariamente por processos de empréstimo), não existe a criação de novos lexemas, mas simplesmente uma nova ortografia para as palavras existentes.

J. Anis lista várias categorias para o francês que, contudo, são diferentes para a língua portuguesa.

⁶ Tradução nossa.

MEKIE? É D+ PA MIM QD AS XS TCL CM O PPL!

Destacaremos, apenas, as categorias mais relevantes:

Grafias fonéticas: trata-se, em geral, da substituição de grafemas complexos ou ambíguos por uma versão mais simples, muitas vezes num desvio intencional à norma, desvio esse, lúdico e intencional.

A troca grafemática de <qu> por <c> por <k> é justificada como uma fuga intencional à norma, num desvio lúdico e intencional

qu > k ou q > c (casa > kaza; quem > kem); s intervocálico > z ou x (queres > kerex; beijocas > 'jokax)⁷

Esqueletos consonânticos: mt (*muito*); hj (*hoje*); qd (*quando*); smp (*sempre*); bj (*beijos*); cmg (*comigo*); rsp (*responder*); td mm (*tudo na mesma*)

Estiramentos gráficos: Olaaaaaaaaa! Gandaaaaaa Soooooorte!!!!Uuuuff!

(16)

A: Kem daki tá a ver o jogo?

B: Alguem ker tcl cmg?

A: Tas 1 kota de 1^ª!

B: Pkek k n vens?

5. Conclusão

As estratégias linguístico-discursivas reflectem a natureza híbrida da interacção electrónica síncrona, indiciando as estruturas binárias de intervenção, os procedimentos decorrentes da necessidade de uma “economia discursiva” e as estratégias de construção dialógicas, que estamos perante um novo género discursivo.

Os utilizadores comuns dos *chats* descrevem esta forma de “conversar por escrito” como um “local habitado” (Velkovska 2002:8), onde é possível encontrar amigos e conhecidos ou fazer novos conhecimentos. O quadro de participação nos *chats*, a co-presença que se realiza unicamente através da escrita, a incerteza constante,

⁷ Estas neografias estão muito presentes nas interacções electrónicas síncronas, sobretudo nas novas formas, recorrentemente utilizadas por jovens, MSN, Myspace e Hi5 (redes onde os membros criam a sua própria comunidade de amigos, mas a sua forma mais parece uma espiral, dado que as possibilidades são infinitas e, como afirma Kathleen Gomes, no seu artigo *online* do Jornal Público, «Geração Myspace companhia limitada, (...) o velho ditado segundo o qual «Os amigos dos meus amigos são» talvez nunca tenha feito tanto sentido» (16.04.2006), disponível em <http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=1244216&idCanal=>, consultado em 18 de Abril de 2006. Como Anis mostrou, na conferência apresentada no Colóquio Internacional *La Communication électronique. Approches Linguistiques et anthropologiques*, Ecole de Hautes Études en Sciences Sociales – Maison des Sciences de l’Homme, Paris, 5 e 6 de Fevereiro 2004, o domínio por excelência destas neografias é o campo das SMS de l’Homme. Paris, 5 e 6 de Fevereiro 2004, o domínio por excelência destas neografias é o campo das SMS (mensagens escritas em telemóvel). Cf. Maroccia 2004 que fez a Synthèse du Colloque (não publicado).

relativamente quer à presença quer ao estatuto dos interlocutores, evidenciam a dificuldade de interpretar esta forma de interacção a partir das tipologias disponíveis.

Demonstrámos que o campo expressivo do outro fica reduzido à escrita numa temporalidade quase simultânea e num espaço imaterial, o do ecrã do computador. Pela escrita, os participantes descodificam as referências, tentando orientar-se num espaço social imaterial, necessitando, para tal de decifrar implícitos presentes no seu estilo de escrita e na sua forma de comunicar.

Em relações alimentadas e fomentadas regularmente através deste tipo de interacção deixa de ser necessária a actualização de algumas coordenadas, permitindo, desta forma sedimentar laços entre os participantes.

Importa, contudo, notar que nestas conversas electrónicas a construção da relação com o outro é, por vezes muito peculiar. As coordenadas do quadro participativo específicas (incerteza na co-presença, tempo real dissociado do tempo partilhado), as modalidades de construção do *eu* e do *outro* facilitam o contacto.

Quando há alguma regularidade e se instaura uma relação de confiança e de proximidade, apesar de estar a distância, por causa do *medium*, o outro pode tornar-se mais facilmente um confidente. Podemos, pois, afirmar que a relação com o outro na interacção electrónica síncrona se constrói numa alternância entre o íntimo e o anónimo, numa amálgama entre amigos e estranhos, numa tensão permanente entre omnipresença e abandono.

Será, pois, interessante, de futuro, questionar e compreender como a distância e o afastamento, que subjazem ao meio electrónico, podem criar e despoletar um espaço de intimidade e de proximidade nas relações, sendo terreno propício a fenómenos de confissão e de expressão de sentimentos habitualmente reprimidos.

As interacções electrónicas síncronas são objecto de um conhecimento mais ou menos intuitivo por parte de quem utiliza estas práticas comunicativas. Para os restantes, trata-se, porventura, de práticas esotéricas, de actividades de cibernautas dependentes, que habitam outro universo. Entre estas duas posturas, escasseiam as reflexões que permitam fazer a mediação e entender a banalização destas formas (na medida em que se vulgarizam progressivamente em comunidades sociais alargadas, desde os jovens, aos professores universitários) e reflectir sobre a inovação, pois facilmente se constata os seus efeitos sociais, culturais e linguísticos, como os que aqui relevámos.

Referências

- Alves, Sofia Vanessa Santos (2004) *Práticas discursivas na comunicação online síncrona*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino de Línguas, Faculdade de Letras, Universidade Católica Portuguesa.
- Anis, Jacques (1998) *Texte et ordinateur: L'écriture réinventée?* Bruxelles: De Boeck.
- Anis, Jacques (1999) Chats et usages graphiques. In J. Anis (ed.) *Internet, communication et langue française*. Paris: Hermes Sciences Publications, pp. 71-90.
- Anis, Jacques (2000) L'écrit des conversations électroniques de l'Internet. *Le Français aujourd'hui*, 129, pp. 59-69.

- Anis, Jacques (2002) Communication électronique scripturale et formes langagières: chats et SMS. *Actes des Journées «S'écrire avec les outils d'aujourd'hui»*, Université de Poitiers, disponível em <http://imedias.univ-poitiers.fr/rhrt/2002/actes%202002/jacques%20anis.htm> (consultado em Janeiro de 2005)
- Baron, Naomi S. (2000) *Alphabet to Email, How Written English Evolved and where It's Heading*. London e New York: Routledge.
- Bays, Hillary (2000) La politesse sur Internet: le don des objets imaginaires. In Michel Wauthion & A. C. Simon (org) *Politesse et Idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*. Louvain: Peeters/BCILL, pp. 169-183.
- Beaudouin, Valérie e Julia Velkowska (1999) Constitution d'un espace de communication sur internet (forums, pages personnelles, courrier électronique. *Réseaux* n°. 97, pp. 121-177.
- Benedito, Joviana (2002) *Que Língu@ Portugues@ no ch@t da Internet?* Lisboa: Edições Colibri.
- Bourdieu, Pierre [1982] (1993) *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.
- Crystal, David (2001) *Language and Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Edição espanhola (2002) *El language e Internet*. Madrid: Cambridge University Press.
- Davis, Boyd H. e Brewer, Jeutonne P. (1997) *Electronic Discourse: Linguistic Individuals in Virtual Space*. New York: State University of New York Press.
- Dauphin Cécile (1995) *Ces bonnes lettres – Une correspondance familiale au XIX^e siècle*. Paris, Bibliothèque Albin Michel.
- Erickson, Thomas & Herring, Susan C. (2001) Persistent Conversation: a Dialog Between Research and Design. *Proceedings of the 38th Hawaii International Conference on System Sciences*, (HICSS-34). Volume 4, p. 4031.
- Giddens, Anthony (1994) *Les conséquences de la modernité*. Paris: L'Harmattan.
- Goffman, Erving (1974) *Les rites d'interaction*. Paris: Éditions Minuit.
- Goffman, Erving (1981) *Façons de parler*. Paris: Éditions de Minuit.
- Goffman, Erving (1988) «Les ressources sûres. In Yves Winkin (dir.) *Erving Goffman: des moments et leurs hommes*. Paris: Seuil-Minuit, pp. 104-113.
- Goody, Jacques (1994) *Entre l'oralité et l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Hert, Philippe (1999) Quasi-Oralité de l'Écriture Électronique et Sentiment de Communauté dans les Débats Scientifiques en Ligne. *Réseaux* n°. 97, pp. 1-49.
- Jonsson, Ewa (1997) Electronic Discourse. On Speech and Writing on The Internet. D. Course on English, Luleå University of Technology, Department of Communication and languages, disponível em <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>, consultado em 5 de Novembro de 2005.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1998) L'interaction épistolaire. In Jurgen Siess (dir) *La Lettre entre réel et fiction*. Paris: Sedes, pp.16-36.
- Lluís Payrató, Marta Torres (2003) El català dels joves en els xats, correus electrònics i missatges a mòbils; una nova varietat col·loquial? *Llengua, Societat i Ensenyament*, Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, Alacanta, pp. 5-27.
- Lundstrom, Phoenix (1995) Synchronous Computer-Mediated Communication: Will Internet Talkers Improve the Communicative Competence of ESL/EFL Students?, disponível em <http://FTP:ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/mesters/paper>, consultado em 20.11. 2004.
- Luzzati, D. (1991) Oralité et interactivité dans un écrit Minitel. *Langue Française* n°. 89, pp. 99-109.

- Marcocchia, Michel (2004a) *Synthèse du Colloque. La Communication électronique. Approches Linguistiques et anthropologiques*. Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 5 e 6 de Fevereiro 2004 (texto não publicado).
- Marcocchia, Michel (2004b) La communication écrite: faire du face à face avec l'écrit in *Journée d'études ATALA, Le traitement automatique des nouvelles formes de communication écrites*. Université de Provence, disponível em <http://www.up.univ-mrs.fr/~veronis/je-nfcec/> (consultado em Maio de 2005).
- Mattio, Véronique (2000) Converser sur internet, un nouveau face à face. *Travail d'Étude et de Recherche de Maîtrise en Sciences de l'Information et de la Communication*, Université de la Réunion.
- Mattio, Véronique (2001) Les cyberconversations. In Idelson Bernard (dir.), *Actes du Séminaire NTIC dans l'Océan Indien*. Université de la Réunion – France Télécom, pp. 35-45.
- Mattio, Véronique (2004) Les ressources sûres des cyberconversations. Analyse goffmanienne des interactions sur le dialogue en direct de Caramail. *COMPOSITE*, disponível em <http://composite.org/v1/2004/articles/mattio.html>, consultado em Janeiro de 2006.
- Mondada, Lorenza (1999) Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion. Une approche conversationnelle de l'interaction sur Internet. *ALSIC, Apprentissage des langues et des Systèmes d'Information et de Communication*, Vol. 2, n° 1, juin 1999, pp. 3-25, <http://alsic.u-strasbg.fr/num3/mondada/default.htm>, em 18 de Março de 2005.
- Moulard, Céline (2005) *Mail connexion, la conversation planétaire*. Paris: Diable Vauvert.
- Mourlhon-Dallies, F. e Colin, J.-Y (1999) Des didascalies sur Internet? In J. Anis, (coord.), *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermès, pp. 55-70.
- Panckhurst, Raquel (1997) La communication médiatisée par ordinateur ou la communication médiée par ordinateur? *Terminologies Nouvelles*, 1, pp. 56-58.
- Pedras, Manuel F. C. (2002) *A escrita telemática síncrona. Características e implicações para o ensino-aprendizagem do Português*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Suler, J. (1997) Communicative subtlety in multimedia chat: how many ways can you say "Hi" in the Palace, disponível em www.rider.edu/~suler/psycyber/texttalk.html, consultado em 10 de Fevereiro de 2006.
- Traverso, Véronique (1996) *La conversation familière – Analyse pragmatique des interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Werry, Christopher C. (1996) Linguistic and Interactional features of Internet Relay Chat. In Susan Herring (ed.) *Computer-Mediated Communication. Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 47-65.
- Velkovska, Julia (2002) Converser par écrit. Écriture électronique et formes de relations dans les webchats, disponível em <http://www.jm.u-psud.fr/~adis/rubriques/pjdoctic/velkovsk.pdf> (consultado em Março de 2006).
- Véronis, Jean e Emilie Guimier De Neef (2006) Le traitement des nouvelles formes de communication écrite, disponível em www.up.univ-mrs.fr/~veronis/pdf/2006-livre-sabah.pdf (consultado em Maio 2006)

MEKIE? É D+ PA MIM QD AS XS TCL CM O PPL!

- Yates, Simeon J. (2001) Researching Internet Interaction: Sociolinguistics and Corpus Analysis. In Margaret Wetherel, Stéphanie Taylor & Simeon J. Yates (eds.). *Discourse as data: A guide for Analysis*. London, Sage, The Open University, pp. 93-146.
- Yus, Francisco (2001) *Ciberpragmática, El uso del lenguaje en Internet*. Barcelona: Editorial Ariel.